

# Fugindo para a vida

*Vazamento de amônia leva o prefeito de Cubatão a tentar remover 6 000 moradores de Vila Parisi, mas acaba perdendo o cargo*

**C**ercado de moradores de Vila Natal — um bairro de 1 300 barracos assentados no mangue, a 2 quilômetros do centro de Cubatão, em São Paulo —, o prefeito José Osvaldo Passarelli, 44 anos, comandava, pessoalmente, na última terça-feira, as primeiras manobras de uma capitulação: em nome da saúde pública, começava a evacuar todo um bairro do município, considerado impróprio para a vida. Naquele momento, Passarelli via os tratores da prefeitura desenharem os arruamentos que, em breve, deveriam abrigar os 6 000 moradores de Vila Parisi — desalojados, por decreto, de um bolsão de miséria, de violência e de poluição que consegue se destacar mesmo dentro da recordista Cubatão. O prefeito assinou a desapropriação na segunda-feira. Na noite de quinta-feira, a única mudança certa era a do próprio prefeito: ele acabava de ser exonerado por decisão do governador Franco Montoro e aprovação do governo federal.

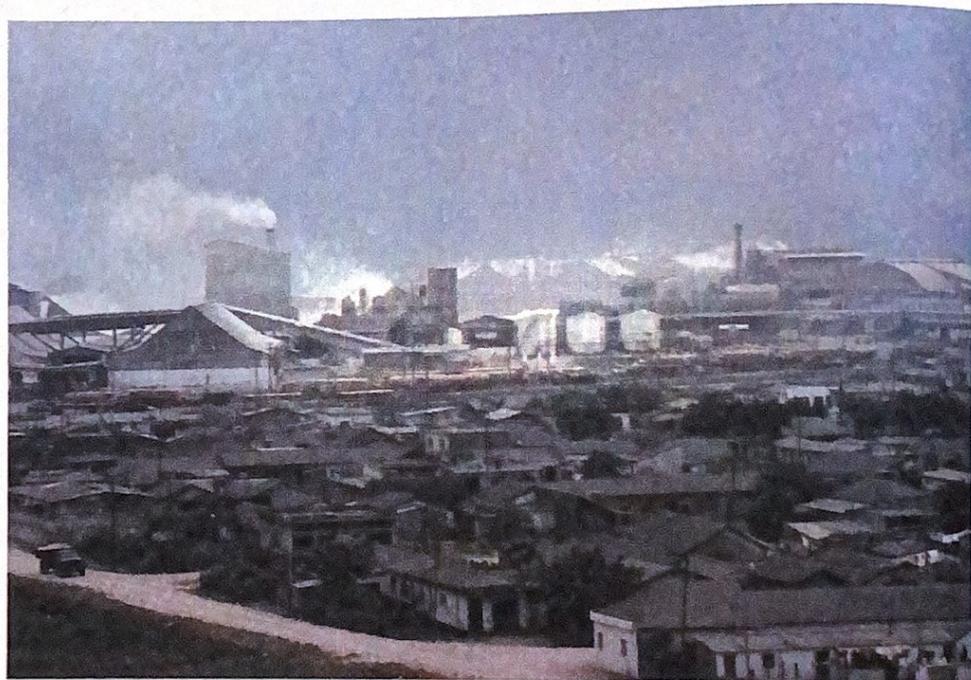
“Quero que Deus me dê trinta dias de sol e mudo Vila Parisi para Vila Natal”, anunciara Passarelli. Choveu, em Cubatão, praticamente a semana toda, e a chuva, como sempre, entupiu os canaletos, encharcou o mangue, provocou enchentes. Entupiram-se, também com a demissão do prefeito, os caminhos para a remoção dos moradores de Vila Parisi para bem longe de uma ilha de mil e poucos casebres e cortiços cercada de doze fábricas por todos os lados. A maioria dessas fábricas produz fertilizantes ou itens químicos e manipula substâncias tóxicas. Completam a moldura as grossas nuvens de fumaça da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa) e a onipresente refinaria Presidente Bernardes, a maior da Petrobrás. Vila Parisi há 25 anos convive com as baforadas que fazem de Cubatão, com

84 000 habitantes, uma tragédia ecológica mundial. Na madrugada de sábado para domingo, dia 27, ela se assustou com o cheiro acre de uma tragédia — que só não aconteceu por sorte.

Vazou amônia de um duto da Ultrafértil, uma dessas indústrias químicas. O duto passava nos limites da Vila, às mar-

Nos hospitais da região, mais de sessenta pessoas tiveram de fazer inalação. Amônia mata por asfixia.

**ÁGUA E AR** — “Cubatão é um campo minado de dutos subterrâneos”, denuncia Moya. Para ele, o mal maior da cidade não é a fumaça que está no ar, mas o



Em Vila Parisi, Cubatão, o perigo está nos gases tóxicos da fumaça...

gens da rodovia que leva ao balneário de Guarujá. A amônia escapou por 20 minutos, calcula o engenheiro Paulo Roberto Souza de Amorim, 44 anos, presidente da Ultrafértil. Ele culpa “um movimento de terra”, que teria rompido o duto. O engenheiro Jorge Moya, do setor local da Cetesb, órgão estadual encarregado do meio ambiente, acredita que, num duto de 7 quilômetros, sem válvulas capazes de bloquear o escapamento, seria impossível que tudo se desse tão rapidamente. Para a população de Vila Parisi, foi uma eternidade. Despertada aos gritos, foi evacuada em ônibus, trem, carros.

perigo que se esconde sob a terra: tubos nos quais não se pode detectar a corrosão, a má conservação, a ferrugem. Quando não são produtos tóxicos, é petróleo. Em fevereiro de 1984, vazou gasolina de um duto da Petrobrás que percorria os subterrâneos da favela de Vila Socó, do outro lado do município, perto da Via Anchieta (São Paulo—Santos). Em Vila Socó, o fogo foi mais rápido que o alarme: 600 casas foram incineradas em poucos minutos e o miolo da favela virou um gigantesco cemitério a céu aberto, com pelo menos 96 mortos, se se ficar nos cálculos oficiais. Na semana passada, muitas coisas aconte-

ceram em Cubatão. Mas Vila Parisi continua onde sempre esteve, aspirando a maior parte das 1 000 toneladas diárias de gases tóxicos que o céu do município recebe. Vila Socó sobrevive e se reconstrói, apesar das lembranças. Os políticos andaram agitados. Em São Paulo, técnicos e inmoradores de Cubatão assistiram.

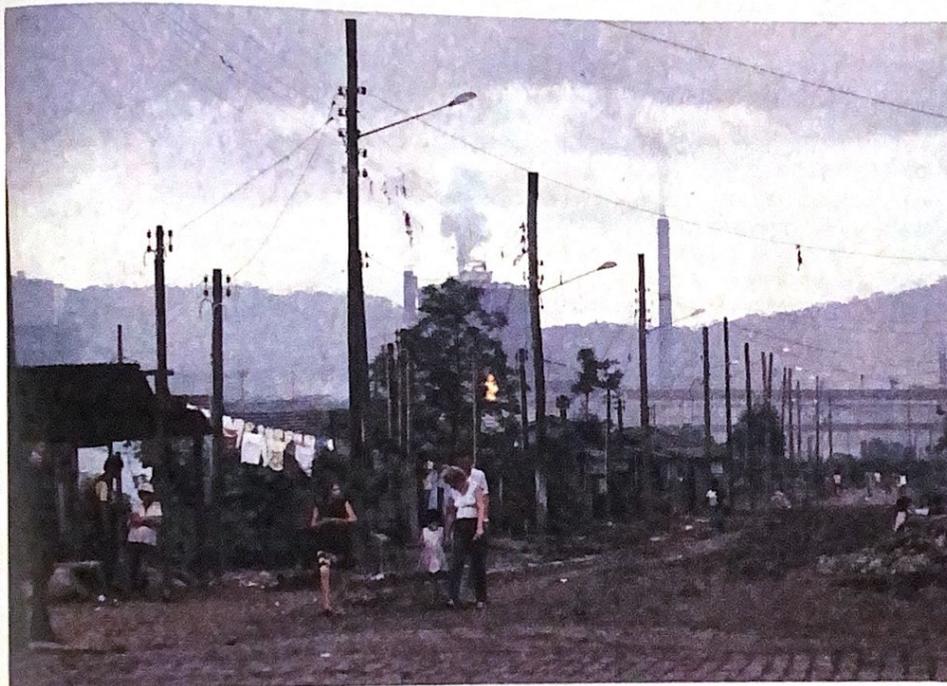
A amônia se dissipou, em Vila Parisi, e a população voltou, no domingo, mas a chuva não deu trégua. Vila Parisi tem duas únicas ruas calçadas de paralelepípedos. As outras que as atravessam não eram mais ruas, e sim afluentes. O que deixava especialmente desesperados o faquir Charles Robston, atração maior do Circulando Show, e o pernambucano Arlindo Gomes de Oliveira, de 54 anos, sitiado pelas águas há oito dias naquele que outrora foi, nas suas orgulhosas palavras, "o melhor restaurante do lugar, onde já comeram um representante do governador Laudo Na-

tel e dois ex-prefeitos". Há oito dias é impossível entrar no restaurante sem o risco de afundar a canela no barro. Da mesma forma, o circo mambembe e seu experimentado faquir com trinta anos de currículo são obrigados a se contentar com diminuta platéia para apresentar arriscadas proezas como a de ficar 4 minutos e 10 décimos de segundo debaixo d'água, dentro de uma tina — com meio litro de querosene queimando em cima.

O circo, que ficou a lona há dezessete dias, vai esperar mais alguns, para o tempo firmar, antes de "ir embora desse lugar que parece maldito" — observa Charles Robston, aliás Alceu Soares. O restaurante do pernambucano Arlindo, que já teve até ar refrigerado, ele quer fechar de uma vez por todas. "Mandi uma carta para o prefeito pedindo que eu seja o primeiro a ser desapropriado", conta Arlindo, que chegou a Vila Parisi há 24 anos, quando ali só havia a fumaça ainda discreta da Cosipa

som estereofônico e esfera de espelhos, e a de patrocinar o promissor Esporte Clube Santa Cruz, cujo centroavante vem se revelando, nos últimos cinco meses, o verdadeiro terror das melhores defesas da Baixada Santista: Maria de Fátima.

O Esporte Clube Santa Cruz tinha compromisso marcado para este domingo, o que revela que, apesar das tragédias e das decepções, Vila Parisi vai levando sua vida. A desapropriação decretada pelo prefeito reunia uns poucos entusiastas incondicionais, como o pernambucano Arlindo. Fora esses, havia em Vila Parisi um enorme contingente de habitantes dotados de um saudável realismo: todos querendo fugir do inferno, mas descrentes de que o conseguiriam. Torciam para que o prefeito fosse em frente. Mas desconfiavam que outros não gostariam. "Quero sair, como todos", dizia Mercedes Ramires do Espírito Santo, 46 anos, avó de um menino de 4 meses, que toca um açougue e uma vendi-



...mas também nas enchentes que removem os dutos subterrâneos Zefa: lembrete na porta



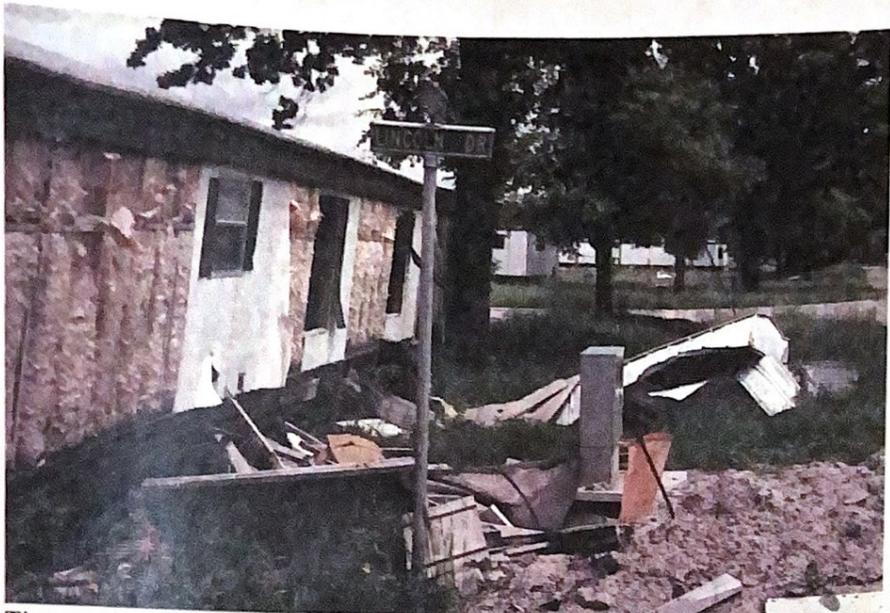
Passarelli em Vila Natal: sonhando

e menos de uma dezena de casas. "Estou desacomodado", entristece-se. "Descobri que faz mais de um ano que eu não vejo o sol."

"POLUIÇÃO? ONDE?" — Entre o desespero e a esperança, os 6 000 habitantes de Vila Parisi buscavam, na semana passada, encontrar um caminho que pelo menos lhes desse a ilusão de que, afinal, quem deve escolher são eles mesmos. Viveu dias de agitação a Sociedade dos Moradores de Vila Parisi, instituição cujas tarefas habituais vinham a ser a de servir de discoteca, nas noites de sábado, com

nha. "Mas, para sair, quero que me paguem o que tenho direito." Mercedes faz parte da seleta categoria dos proprietários. Eles são uns 230, em Vila Parisi. O resto é inquilino. Os proprietários desconfiam: uma indenização da prefeitura jamais respeitaria o valor real de seu imóvel. Aquele em que Mercedes tem a venda, o açougue e a sua casa, de 300 metros quadrados, está avaliado em Cr\$ 898 000, valor venal. "Vale três vezes mais e é o que eu quero."

Toda Vila Parisi sairia, sobretudo aqueles que não têm nada a perder. Só não pretende sair quem, como Maria Pereira de



Times Beach, nos Estados Unidos: fechada por causa de dioxina

Souza Silva, 45 anos, há 23 por ali, consegue extrair daquele charco os frutos de um bom negócio. Ela aluga cômodos de pouco mais de 5 metros quadrados para os peões que passam, à cata de um emprego temporário numa empreiteira. Cobra 8 000, 10 000 cruzeiros, pelo cubículo. Tem uns trinta, um ao lado do outro, numa sucessão que tanto pode lembrar um cortiço urbano como cabines de beira da praia. "Poluição?", admira-se ela. "Aqui em casa, ninguém nunca foi a um médico."

A discussão está no ar, tão densa quanto

a fumaça, e só na semana passada a Sociedade de Moradores teve de abrigar três delas, incandescentes — uma patrocinada pelo PT, duas pelo PMDB. O vereador João Evaniel de França Abreu, do PMDB, que não conseguiu falar na primeira, mas tomou conta das outras, resume: "Não adianta ir de um lado para o outro. Cubatão toda é um inferno. Em Vila Parisi, respira-se poeira das fábricas. No centro, respira-se gás. Ou se muda tudo ou não se muda nada". A comunidade, porém, escuta e se comporta de um modo peculiar: apenas es-

pera. O próprio presidente da Associação dos Moradores, Jaime Brandasse de Abreu, sintetiza essa atitude: reclama que "tem horas que falta oxigênio". Ainda assim, ele não se mexe. "Criei oito filhos aqui, só saio se mandarem", diz Abreu.

Toda Vila Parisi espera, na forçada convivência com o inferno. Ninguém quer ficar, com uma ou outra exceção. Mas ninguém tem como sair. A fatalidade da miséria, em Cubatão, é crônica, assim como o cinzento de seu céu. Vila Parisi fica, os políticos passam. Assim como Vila Socó, outra recordista de infelicidades. Vila Socó sobrevive montada em cima do mesmo vulcão de óleo que quase a consumiu. E daí ninguém se move, embora o cenário chamuscado ainda tenha tudo para servir de alerta.

**IRRITAÇÃO** — Vila Socó era, antes do fogo, um amontoado de 2 000 casas. Apenas se desconfiava do oleoduto: não havia marcas no chão. O oleoduto continua lá, agora devidamente balizado, com umas barras amarelas de concreto. Zefa Maximiana dos Santos, 45 anos, cinco filhos, tem uma delas defronte de seu barraco de quatro cômodos. A marca, para ela, é a

TOM McHUGH

## Um janeiro de chuvas e estragos

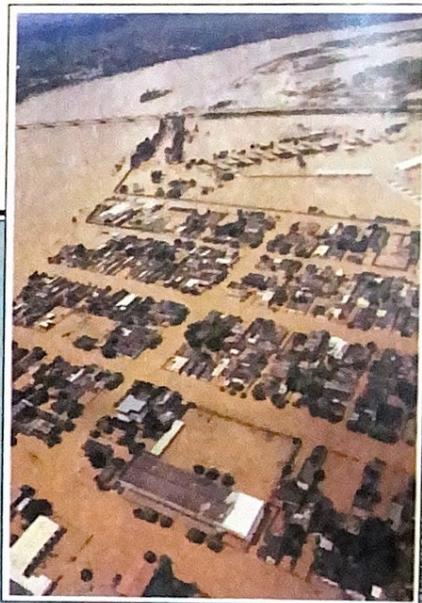
O fenômeno é um velho conhecido dos brasileiros — mudou apenas a moldura das inundações que, nesta época do ano, castigam pedaços do país. Em vez do Sul, agora as águas de janeiro provocaram estragos num raio compreendido entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, no Sudoeste, e o Maranhão, a nordeste, desabrigando perto de 100 000 pessoas e matando outras 154.

Em Belo Horizonte, choveu em janeiro o que costuma chover em oito meses, no maior aguaceiro desde 1910. Em Itaperuna,



município fluminense de 120 000 habitantes banhado pelo Rio Muriaé, 5 000 desabrigados lotavam hospitais e escolas. Na falta de locais para alojar as vítimas da inundação, o prefeito de Três Rios, na divisa do Rio com Minas, simplesmente reativou um cemitério da cidade e povoou-o com sobreviventes. Como tradicionalmente ocorre, as aflições mais agudas atingiram bairros pobres. Mas as águas de 85 não foram detidas por barreiras sociais.

Refúgio da alta sociedade de Governador Valadares, no Vale do Rio Doce, a 327 quilômetros de Belo Horizonte, a Ilha dos Araújos acordou na madrugada do dia 27 com policiais que portavam um lacônico aviso a seus moradores: "Apanhem alguma roupa e saiam de casa: o Rio Doce transbordou". Alexandre Barbosa Moreira,



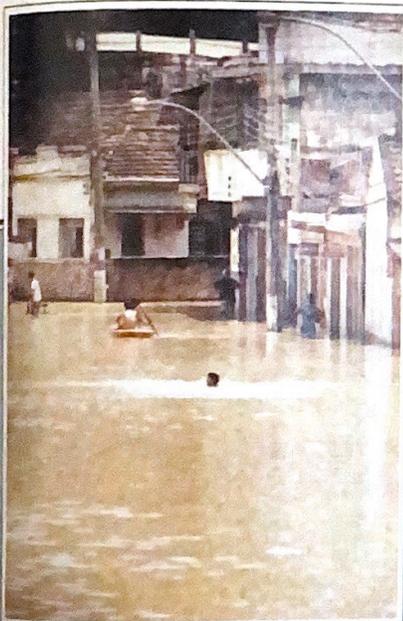
LEADSTONE CAMPOS

Gov. Valadares: refúgio atingido

33 anos, sua mulher, Cici, 27, e duas filhas foram alojar-se na suíte do melhor hotel da cidade, pagando uma diária de 100 000 cruzeiros. "Ajeitei minha família e fui ajudar meus vizinhos", conta Moreira, que viu sua mansão com piscina salva das águas por estar no alto da ilha. Menos sorte teve o agrônomo Márcio Coelho, 31

memória cotidiana da tragédia. Melhor esquecer. "Dei um arranjo no jardim", diz ela. "Tenho TV, tudo que é aparelho doméstico. Vou me arrastando por aqui."

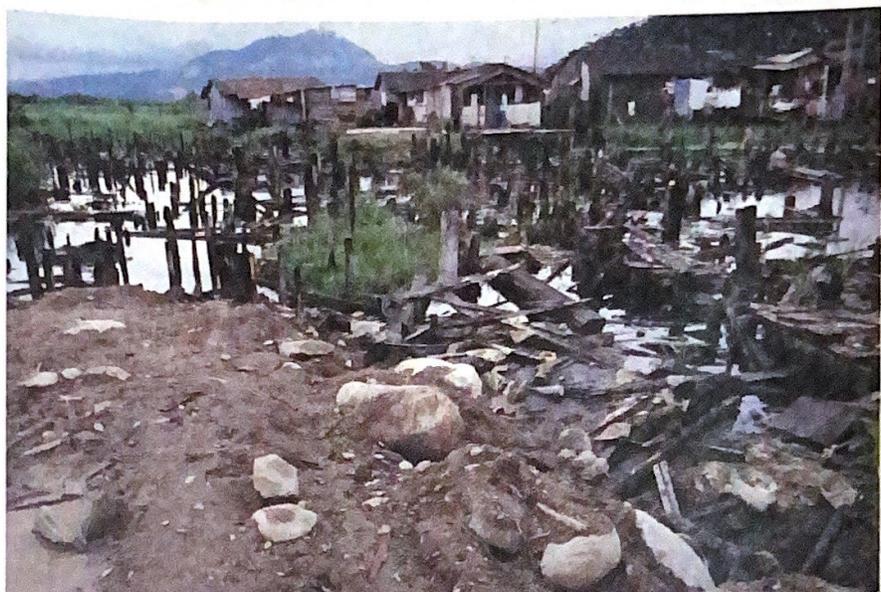
Em países civilizados, quando a saúde dos cidadãos está em jogo, os cidadãos se movimentam, os políticos calam a boca e as autoridades agem. Só os Estados Unidos apresentam dois casos de cidades que foram declaradas impróprias à vida e, por isso, evacuadas — como se pretendeu fazer com Vila Parisi. A primeira delas dispunha de um nome charmoso — Love Canal, canal do amor — e da bucólica vizinhança das Cataratas do Niagara. Perto de 1 300 casas foram evacuadas, em 1978. O governo de Nova York pagou 15 milhões de dólares de indenização. E foi cobrá-la, depois, da Hooker Chemical, empresa química que andou escondendo, nas décadas de 40 e 50, detritos industriais tóxicos debaixo de um aterro onde a cidade cresceu. Um dia alguém furou mais fundo, e o cheiro exalou. Em Times Beach, Missouri, desapropriada em fevereiro de 1983, o dano foi causado pela dioxina, agente tóxico derivado da produção de herbicidas. Em Times Beach, moravam 2 500 habitantes.



Ilaperuna: calamidade pública

anos, que há dois construiu sua casa por 130 milhões de cruzeiros na mesma Ilha dos Araujos. "Estou arruinado", diz Coelho, diante da visão da casa invadida por uma enxurrada com 1 metro de altura.

**ILHA ARRASTADA** — O governador mineiro Hélio Garcia encontrou-se em



FOTOS LUIGI MAAPRIN

Restos de Vila Socó: um cemitério a céu aberto e muitos teimosos

No Brasil, quando a saúde dos cidadãos está em jogo, os cidadãos entregam-se desalentados ao perigo, os políticos tentam tirar proveito e as autoridades se omitem. Uma semana após o vazamento de amônia em Vila Parisi, o auto de infração que cobraria da Ultrafertil, a empresa poluidora, os 24,4 milhões de cruzeiros anunciados pelo presidente da Cetesb, Werner Zulauf, ainda não havia sido lavrado. A brusca substituição do prefeito Passarelli, que quis acabar com o infeliz bolsão de Vila Parisi, suspendeu, na prática, as

obras de Vila Natal — e aumentou a perplexidade dos moradores, que, na maioria, querem ir embora, mas não se arriscam a fazê-lo sem ajuda oficial. Na Vila Natal, para onde foi depois do incêndio da Vila Socó, Maria Selma Freire da Silva, pernambucana de 21 anos, casada, parece ser a única pessoa a ostentar a chama de uma atrevida irritação. "Vou-me embora para longe desse cemitério. Aqui, a vida não tem valor." Aprendeu isso dramaticamente: sua filha, de 4 anos, morreu em Vila Socó. ●

Brasília com os ministros Delfim Netto, do Planejamento, e Mário Andreazza, do Interior — e voltou a seu Estado com 100 bilhões de cruzeiros de ajuda. Garcia promete requisitar todas as unidades habitacionais não vendidas em Minas para servir de teto aos desabrigados. "Em Minas, não se instalará a indústria da desgraça", garantiu Garcia na quinta-feira passada.

Em Imperatriz, no oeste do Maranhão, junto à divisa com Goiás, só agora milhares de moradores compreenderam que valeria a pena ter-se mudado da cidade velha para o novo núcleo urbano à prova de cheia, construído há alguns anos. A cidade velha foi invadida pelas águas do Rio Tocantins. Os 58 municípios do Espírito Santo sofreram danos com as chuvas de janeiro. Na quinta-feira, com vazão de 6 770 metros cúbicos por segundo — o normal é 2 000 — o Rio Doce engoliu uma ilha no município de Linhares, enquanto os 100 000 habitantes de

Colatina, no norte capixaba, tiveram de viver temporariamente sem o dinheiro dos bancos e sem o comércio, fechados pelas águas. Enquanto em Camboriú, no litoral catarinense, o sol fervia sobre a areia, janeiro foi extirpado dos frequentadores das praias localizadas entre o litoral norte de São Paulo e o sul da Bahia, todas debaixo de chuva.

A destruição de trechos ferroviários e rodoviários e o desabrigo de milhares de pessoas são debitados a índices pluviométricos nunca vistos, que transbordaram leitões de rios assoreados pela ausência de proteção em suas margens. Quando as águas baixarem, essas cidades — criadas exatamente pela presença dos rios — esquecerão a lama e a destruição, voltando à rotina. Em meados do ano, será a vez de se temer pelas águas de julho, no sul do país. Como sempre.